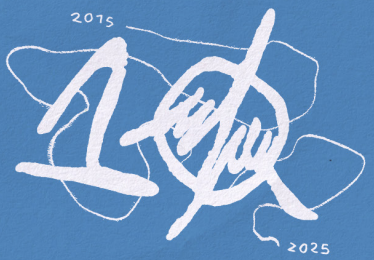
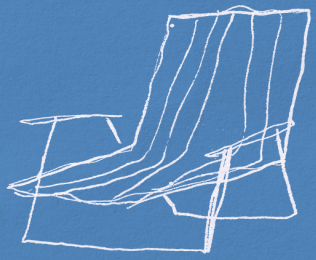
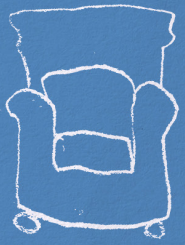
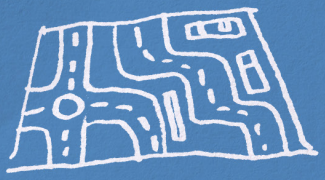






MEMORABILIA #5

DA PÁGINA PARA A CENA



MEMORABILIA

NOME FEMININO PLURAL

1. CONJUNTO DE COISAS OU ACONTECIMENTOS MEMORÁVEIS.
2. CONJUNTO DE OBJECTOS

ORIGEM ETIMOLÓGICA:
PALAVRA LATINA, PLURAL NEUTRO DE MEMORABILIS, -E, MEMORÁVEL.

"MEMORABILIA", IN DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2004

Em 2017, no aniversário da Mascarenhas-Martins, organizámos uma conversa com algumas jovens companhias: Teatro da Cidade, Terceira Pessoa e Os Possessos. Queríamos que as pessoas do Montijo pudessem escutar quem, como nós, estava a tentar implementar os seus projectos. Para moderar a conversa convidámos o Miguel Branco, que na altura trabalhava enquanto jornalista na secção de cultura da Time Out e tentava estar a par de tudo o que acontecia. Já nos conhecíamos de Almada, do período em que trabalhei em comunicação na Companhia de Teatro de Almada. Depois da conversa, ao jantar, o Miguel contou-nos que gostaria de experimentar escrever para teatro e partilhou connosco que tinha uma ideia para uma peça que queria desenvolver. Claro que não podíamos prometer nada, não tínhamos condições para quase nada, estávamos ainda no início, mas incentivámo-lo a escrever, logo se via. O tempo foi passando mas não nos esquecemos dessa conversa.

NO VERÃO DE 2018 O MIGUEL BRANCO JUNTOU VÁRIAS COMPANHIAS PARA CONVERSAREM SOBRE CONVERSAR

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
- (OS POSSESSOS)
CATARINA RÔLO SALGUEIRO
JOÃO PEDRO MAMEDE
- (TERCEIRA PESSOA)
ANA GIL
NUNO LEÃO
- MIGUEL BRANCO
- LEUI e MARIA
- (TEATRO DA CIDADE)
NÍDIA ROQUE

O Auéééu Teatro, o Teatro da Cidade e a Companhia Mascarenhas-Martins são jovens companhias que têm criado ciclos de conversas, diálogos fora de cena. *Miguel Branco* juntou dois elementos de cada estrutura para uma conversa sobre conversar. *Manuel Manso* fê-los subir ao andaime e fotografou.

A FALAR, também fora de cena, é que a gente talvez se possa entender. Precisamos de querer conversar. Como querem estas três companhias. O Auéééu-Teatro tem criado um ciclo de conversas sobre o trabalho (esta quarta-feira há mais uma, às 18.30, na Livraria Ferin). O Teatro da Cidade realizou conversas no CAL – Primeiros Sintomas com um intuito mais curioso, a pender para a filosofia, enquanto que a Companhia Mascarenhas-Martins, do Montijo, se preocupa em criar sessões públicas onde chama a comunidade e procura que todos nos conheçamos melhor. Claro, só assim poderemos conversar melhor.

Estamos em 2018. Ainda continuamos a precisar de conversar ou precisamos ainda mais de conversar?

Sérgio Coragem (S.C.): Nunca foi tão necessário conversar como hoje. Há qualquer coisa no diálogo que se transformou, perdeu-se a conversa com as pessoas nos locais físicos, parece que o conversar funciona como uma redescoberta de uma capacidade que as pessoas têm.

Guilherme Gomes (G.G.): Parece-me inevitável falar. A partir de um momento em que existem dois indivíduos e um tem curiosidade por outro. Não creio que hoje seja mais importante do que noutros tempos. A conversa é como o amor, surge naturalmente. Estas conversas – a nossa, dos Auéééu e da Mascarenhas-Martins – partem de curiosidade. É tão preciso falar quanta curiosidade houver.

Ao mesmo tempo hoje abundam as conversas pós-espectáculos. Isso não é bem a mesma proposta.

Beatriz Brás (B.B.): No nosso caso são conversas antes do espectáculo.

S.C.: Sim, porque o ciclo está ligado com o processo de criação do próximo espectáculo, a intenção é roubar boas ideias.

B.B.: É algo diferente dessas conversas após o espectáculo. A mim faz-me confusão, não quero fechar interpretações, não acho que a visão do artista seja maior. Há aquele risco de ser a justificação do espectáculo.

Nídia Roque (N.R.): Ao mesmo tempo o público tem que sentir que faz parte do nosso trabalho. Depois sinto que não que temos de organizar conversas com qualquer sentido social ou político, o discurso artístico não tem de o ser, ainda que seja sempre.

Mas um teatro municipal, por exemplo, não deve construir esta relação de diálogo mais prolongado do que esta ideia de conversa de esclarecimento?

G.G.: Tu fizeste uma pergunta um bocado provocadora. Nós somos Teatro da Cidade, mas não somos um teatro municipal.

Claro, mas podes ter uma ideia sobre isso.

G.G.: Pois, não sei, desinteresse. E ainda vão existindo algumas coisas, são é pessoas que não estão muito ligadas a essa rede de teatros, o Cão Solteiro, por exemplo, fez uma série de conversas sobre botânica. Acho isso muito interessante. Mas confesso que não sei porque é que não existe mais diálogo.

M.M.: Eu sei, posso-te explicar, se quiseres.

Também gostava de saber.

M.M.: Não é do interesse político. Há uma série de equívocos na opinião pública sobre a vida dos artistas e a forma como gerimos subsídios, por exemplo, a ideia de que "és subsidiodependente". Se assim fosse ninguém fazia nada. Subsidiodependentes são os políticos e os partidos, que só vivem disso. A maior parte dos cine-teatros e dos teatros municipais foi abocanhada pelos partidos políticos e pelas câmaras municipais, dá muito jeito porque é bonitinho. É claro que não há espaço para conversas.

Leví Martins (L.M.): Não encontras aí um espaço de diálogo aberto. Esta conversa lembra-me a filosofia, na Antiguidade não havia um sítio para a ter. Tive a felicidade de crescer com um amigo que estava a estudar filosofia e o que fazíamos era conversar. Almoços que acabavam em jantares. Falávamos tanto dos autores que ele estudava como falávamos de Jimi Hendrix.

Lá está, o assunto é secundário.

L.M.: Estamos a verificar que todos aqui partilhamos esta necessidade de proximidade dos outros, do público, o que regressa se calhar a um período em que o teatro independente começou a trabalhar, mais perto da revolução.

G.G.: Mas nós não estamos num período de revolução, isso tem uma diferença brutal. Quando surgiu o teatro independente, as pessoas invadiam os teatros para tentar colaborar com os grupos de teatro da maneira que pudessem: "eu traduzo-vos o texto, eu faço frente sala". Esta vontade de criar relação é um outro género de revolução, onde se torna evidente que o teatro é das pessoas, que as portas não deviam estar fechadas.

Mas concordas que os teatros são estruturas, à partida, pouco acessíveis.

G.G.: Sim. Mas o problema é quando se confunde a arquitectura do espaço com a sua natureza. Mas isto pode ser apontado ao público tanto quanto a nós. Quantos de nós têm coragem de chegar a um serviço público qualquer, sei lá, ao balcão Campus de Justiça, a senhora perguntar "o que é que você quer?" e dizer assim "olhe, só queria saber o que faz o dia todo, gostava de aprender alguma coisa consigo, posso assistir?" Não é que tenhamos de fazer isto, mas porque é que não fazemos?

N.R.: Mas a verdade é que um teatro para ser habitado tem de estar a acontecer qualquer coisa. Se não é só um espaço opulento, que pode não dar vontade de entrar, há logo assim uma carpete vermelha e eu que vim de ténis se calhar não posso pisar. Isto afasta o maior público. Não é o espaço mais acolhedor para se entrar.

Mas se disseminarem e criarem atracções para chamar público...

N.R.: Exacto, se um foyer é só um sítio de passagem...

M.M.: E repara, depois do 25 de Abril as pessoas invadiram os teatros porque achavam que aquilo era deles. Agora as pessoas têm medo de dialogar com os artistas porque não entendem metade do que se está a dizer.

L.M.: Precisamos de conflar uns nos outros, a confiança parece-me chave. Sonho com um mundo onde os espectadores têm à-vontade, sem medo de errar.

> **"É tão preciso falar quanta curiosidade houver. Às tantas não é o assunto, mas a qualidade com que conversamos"**
> **Guilherme Gomes**

Em 2019, inventámos um projecto que tinha como ponto de partida o conceito de crise. No início, não estava definido sequer se seria um espectáculo de teatro, todas as hipóteses estavam em cima da mesa: podia ser uma exposição, um objecto audiovisual, um concerto. Convidámos algumas pessoas para fazerem parte do projecto e começámos por marcar alguns encontros para conversarmos sobre crise nas suas múltiplas acepções. A certa altura, porém, algumas das pessoas envolvidas, entre as quais o Miguel, começaram a trazer propostas de cenas.
De um conjunto de quadros, começou a tornar-se evidente que havia ali um texto a surgir que poderia muito bem ser a base de um espectáculo. Foi assim que surgiu aquele que seria o primeiro texto do Miguel Branco para teatro: *Até parece*. Como a Mascarenhas-Martins não tinha espaço, o início do processo teve lugar na Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro; os ensaios decorreram depois na cave do Ateneu Popular de Montijo, que, ao exemplo da 1.º de Dezembro, nos abriu as suas portas para o que fosse preciso, como uma forma de apoiar a nossa companhia. Estamos muito gratos a ambos por todo o apoio que nos deram ao longo dos anos.

Até parece estreou no Salão da 1.° de Dezembro a 11 de Maio de 2019, onde ficou em cena até 19 de Maio. O texto tem muitas particularidades interessantes, das quais destaco uma espécie de premonição do que viria a acontecer no ano seguinte. Havia quadros com diferentes personagens, numa espécie de montagem paralela entre diferentes narrativas. Uma delas era protagonizada por um casal que, a certa altura, procurava casa.

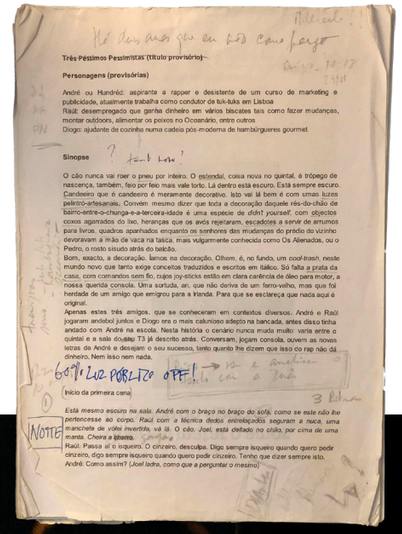
A: [...] Diga-me só uma coisa, tenho que lhe perguntar isto, nós andamos numa loucura à procura de casa, deve perceber, queremos ter família, beber leite, beber vinagre, tudo isto numa casa segura, sem... sabe do que estou a falar, certo? Sem ter de meter alarmes de dez em dez minutos para passar o espanador na porta do forno, sabe?

C: Ó meu amigo...já me podia ter dito, por isso é que os senhores estavam tensos. Vocês estejam completamente descansados. Riam-se, saltem, esta casa pode estar assim um bocadinho usada, pode cheirar a fumo, mas olhe, eu quando a comprei nem hesitei, quando a comprei já a... andava aí e quem me vendeu garantiu que esta é uma casa protegida... tem um sistema de alarme ali à entrada que detecta qualquer aproximação, qualquer tentativa. É infalível. Estou aqui há seis meses e nunca tive que limpar o pó, percebe?

A ideia tinha sido a de omitir o que seria "a…" para que lá coubesse qualquer tipo de ameaça indefinida. Quando digo que terá sido premonitório, refiro-me ao que sentimos quando a Covid-19 parecia estar por todo o lado, tal como nos parecia que o conceito de crise tinha invadido o quotidiano, colocando em causa de forma permanente um sentido de estabilidade e segurança que acho que ainda hoje desejamos e não conseguimos atingir.

SESSÃO FOTOGRÁFICA COM JOÃO LUTAS CRAVEIRO

Foi depois deste espectáculo que surgiu o texto de que o Miguel nos tinha falado ao jantar, em 2017. O título provisório era *Três péssimos pessimistas*, que acabou por transformar-se em *Há dois anos que eu não como pargo*. As cenas acompanhavam três personagens, André (Hundréd), Diogo e Raúl, três amigos que partilhavam casa e que se juntavam sobretudo ao chegar dos seus trabalhos precários. Um deles, o André, escreve umas rimas e umas batidas que vai partilhando com os amigos, os quais o incentivam a levar mais a sério a sua arte, na esperança que isso o possa levar a um destino melhor do que conduzir tuk tuks.



Três Péssimos Pessimistas (título provisório)

Personagens (provisórias)

André ou Hundréd: aspirante a rapper e desistente de um curso de marketing e publicidade, atualmente trabalha como condutor de tuk-tuks em Lisboa
Raúl: desempregado que ganha dinheiro em vários biscates tais como fazer mudanças, montar outdoors, alimentar os peixes no Oceanário, entre outros
Diogo: ajudante de cozinha numa cadeia pós-moderna de hambúrgueres gourmet

Sinopse

O cão nunca vai roer o pneu por inteiro. O estendal, coisa nova no quintal, é trôpego de nascença, também, feio por feio mais vale torto. Lá dentro está escuro. Está sempre escuro. Candeeiro que é candeeiro é meramente decorativo. Isto vai lá bem é com umas luzes pelintro-artesanais. Convém mesmo dizer que toda a decoração daquele rés-do-chão de bairro-entre-o-chunga-e-a-terceira-idade é uma espécie de *didn't yourself*, com objectos coxos agarrados do lixo, heranças que os avós rejeitaram, escadotes a servir de arrumos para livros, quadros apanhados enquanto os senhores das mudanças do prédio do vizinho devoravam a mão de vaca na tasca, mais vulgarmente conhecida como Os Alienados, ou o Pedro, o rosto sisudo atrás do balcão.
Bom, exacto, a decoração. Íamos na decoração. Olhem, é, no fundo, um *cool-trash*, neste mundo novo que tanto exige conceitos traduzidos e escritos em itálico. Só falta a prata da casa, com comandos sem fio, cujos joy-sticks estão em clara carência de óleo para motor, a nossa querida consola. Uma sortuda, ari, que não deriva de um ferro-velho, mas que foi herdada de um amigo que emigrou para a Irlanda. Para que se esclareça que nada aqui é original.
Apenas estes três amigos, que se conheceram em contextos diversos. André e Raúl jogaram andebol juntos e Diogo era o mais calunioso adepto na bancada, antes disso tinha andado com André na escola. Nesta história o cenário nunca muda muito: varia entre o quintal e a sala do seu T3 já descrito atrás. Conversam, jogam consola, ouvem as novas letras de André e desejam o seu sucesso, tanto quanto lhe dizem que isso do rap não dá dinheiro. Nem isso nem nada.

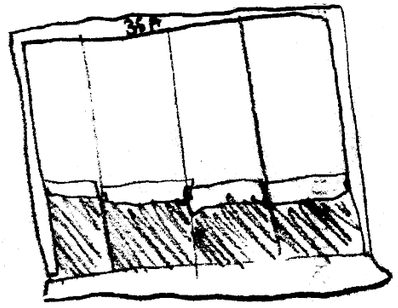
60% LUZ PÚBLICO OFF!

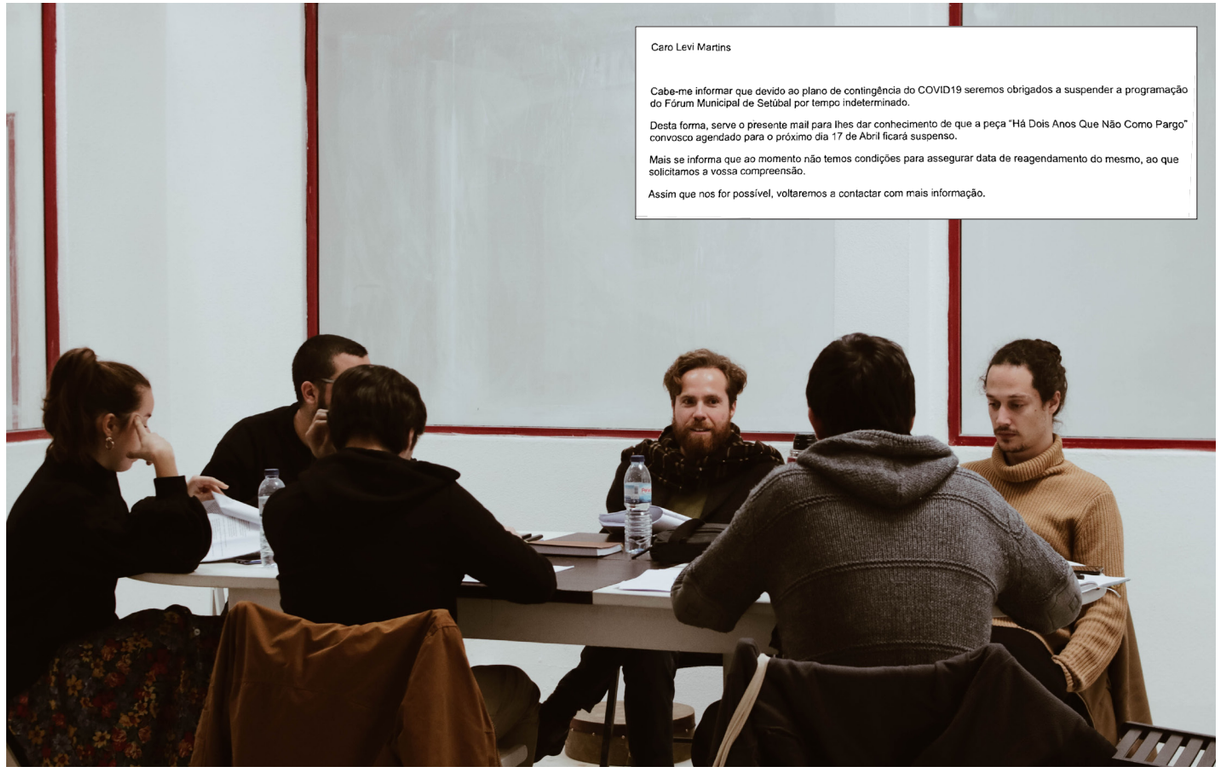
Início da primeira cena

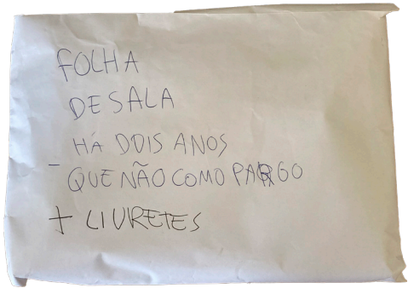
Está mesmo escuro na sala. André com o braço no braço do sofá, como se este não lhe pertencesse ao corpo. Raúl com a técnica dedos entrelaçados seguram a nuca, uma manchete de vôlei invertida, vá lá. O cão, Joel, está deitado no chão, por cima de uma manta. Cheira a bharro.
Raúl: Passa aí o isqueiro. O cinzeiro, desculpa. Digo sempre isqueiro quando quero pedir cinzeiro, digo sempre isqueiro quando quero pedir cinzeiro. Tenho que dizer sempre isto.
André: Como assim? (*Joel ladra, como que a perguntar o mesmo*)

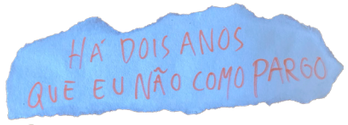
NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE SETÚBAL

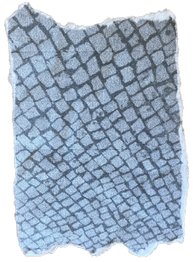
Os ensaios para este espectáculo decorreram num espaço que nos foi gentilmente cedido pelo Luis Miguel Cintra, perto da estação de Entrecampos (espaço no qual foram também ensaiados espectáculos de outras companhias e *Canja de Galinha (Com Miúdos)*, um dos projectos do Luis que produzimos). Para o *Há dois anos que eu não como pargo* foi criada uma camada dramatúrgica adicional, tornando o espectáculo meta-teatral: o Miguel estava em cena, acompanhado por uma espécie de assistente de cena, interpretada pela Inês Dias, que em determinado momento colocava em causa muitas das opções do autor. Eu também fazia a operação do espectáculo à vista dos espectadores.



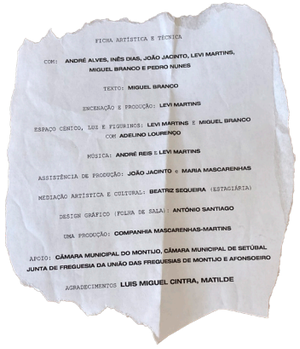


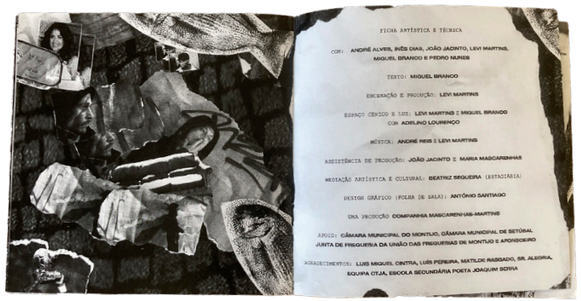






RECORTES
PARA A FOLHA
DE SALA DO
"PARGO"

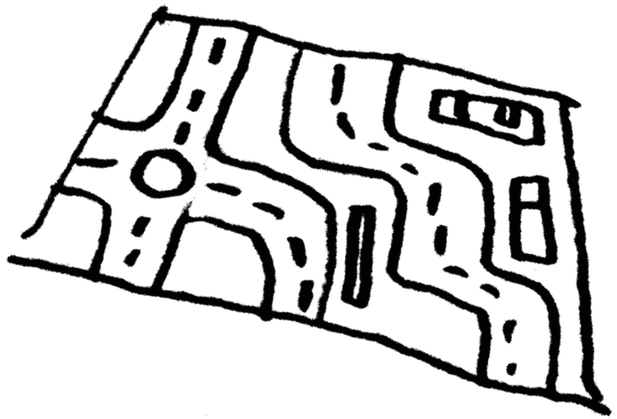




Conseguimos estrear a 12 de Março de 2020, na véspera do primeiro confinamento. O espectáculo regressou depois no Festival Internacional de Teatro de Setúbal, organizado pelo Teatro Estúdio Fontenova, fez uma passagem pelo Muscarium, festival organizado pelo teatromosca, e regressou ao Montijo. Havia outras datas previstas, mas a pandemia acabou por comprometer uma parte do percurso previsto.

Um pouco mais tarde, decidimos propor à Galeria Municipal do Montijo uma exposição performativa em torno dos textos do Miguel, uma vez que tinha escrito um conjunto de peças curtas que sugeriam um contexto de apresentação que não necessariamente uma sala de espectáculos. Achámos que seria engraçado partir da palavra para uma exposição, num espaço habitualmente reservado às artes visuais, prevendo-se que durante o período em que a mesma estivesse patente, houvesse momentos de performance ao fim-de-semana. Os três textos apresentados neste contexto, *Um pano em Vancouver*, *O golfinho André* e *Lama ressequida com marcas de carros*, estão publicados no livro *Quatro peças para outras formas de vida* (Urutau, 2022).

Se no anterior Memorabilia vos contava como a Maria Mascarenhas começou a escrever para encenar, neste falo-vos de uma forma diferente de chegar a um espectáculo. No caso de *Até parece* e *Há dois anos que eu não como pargo*, a encenação foi feita por mim a partir dos textos, ou seja, num processo talvez mais próximo do que seria mais comum quando se fazia teatro de repertório. No entanto, importa referir que o Miguel esteve sempre nos processos de ensaios, participando de forma activa na criação dos espectáculos, dando indicações aos intérpretes e contribuindo para todos aspectos criativos. No *aqui p'ra dentro*, foi proposta uma encenação conjunta, a qual foi assinada pelo Miguel, pelo Pedro Nunes e por mim. E, em 2024, estreámos a sua primeira encenação a solo, *esse silêncio que determina o almoço*, com base num texto que escreveu ao abrigo de uma Bolsa de Criação Literária da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.



A partir do arquivo da Mascarenhas-Martins

Texto Levi Martins
Design gráfico e paginação António Santiago

Com fotografias de Beatriz Sequeira, João Lutas Craveiro, Leonardo Silva, Levi Martins e Luana Santos

Uma publicação Mascarenhas-Martins

Junho 2025

A Companhia Mascarenhas-Martins é uma entidade financiada por:

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Montijo
Câmara Municipal

MONTIJO
E AFONSOEIRO